

## O problema é, não a mesquita, mas sim o Islame

### Colóquio com o escritor Ralph Giordano em 13 de maio de 2009 em Colônia

**Noll:** *Alemanha é palavra equívoca. Especialmente no século vinte. Qual Alemanha era para Ti em especial?*

**Giordano:** Primeiro a DDR [Deutsche Demokratische Republik = República Democrática Alemã, a então “Alemanha Oriental”] estava até em frente, pois cometi um grande erro político. Pensei que os inimigos dos meus inimigos deveriam também ser os meus amigos. Os nazistas tinham dois inimigos principais: Os judeus, estes éramos nós mesmos, e os bolchevistas, os vermelhos, os comunistas. Por isso, a minha entrada em 1946 no partido comunista da Alemanha, organização de país Hamburgo, estava inteiramente orgânico segundo a minha situação de entender de então. Duraram anos até que superara esse erro. Em 1957, pelas mesmas razões antifascistas, humanas pelas que entrei no partido, saí dela. Cria que buscasse pertença crendo que a tivesse encontrado nesse partido. E isso foi um erro. Primeiro tinha antes um sentimento de pertença à DDR do que à antiga República Federal, da república da “segunda culpa”. Digo isso agora retrospectivamente. Então não percebera ainda que a DDR fosse igualmente castigada pela “segunda culpa”, que o mentiroso “anti-fascismo ordenado” da DDR, o sistema inteiro a partir da sua consistência moral não era capaz de jeito nenhum para pôr em dia o passado nazista. Disso nem se podia falar na DDR. Quando então pus fim ao meu erro estalinista, uma nova vida começou para mim.

**Noll:** *Uma nova vida? Como para alguém que veio do Leste ao Oeste?*

**Giordano:** Era como uma segunda libertação. Publiquei em 1961 um livro sobre isso: “O Partido tem sempre razão”. Essa foi a minha despedida da DDR. E no decorrer do tempo, depois de que aqui cheguei à televisão, cresceu algo como pertença à República Federal. Por quê? Porque aqui podia pensar e escrever e filmar o que quis. Nunca fui censurado. Em quantos países do mundo alguém pode afirmar isso de si? Em 1987 escrevi um livro com o título “A segunda culpa. Ou da carga de ser alemão.” Isso só pode ser intelectual e moralmente reto, quando o autor se incluir a si mesmo. Isso quer dizer, então, em 1987 chegava ao ponto de dizer que me confessasse a este país, apesar de tudo o que era, porque o estado de constituição democrático me deu a possibilidade a dizer, a pensar, a escrever e a filmar o que quis. Como sobrevivente do Holocausto não era fácil ficar na Alemanha. Mas não havia alternativa com sentido. Não podia ir embora, não podia fugir. A discussão com Alemanha me tivesse seguido a qualquer lugar aonde fosse que fosse. Na luta, na iluminação precisava ser diretamente participando. Tive clareza desde o começo de que Hitler estava derrotado militarmente, mas no in-espírito não está derrotado. Isto é propriamente o decisivo, o que me manteve aqui na Alemanha.

**Jehle:** *Mais uma vez aos dois anos na DDR. O Senhor pode disso relatar um pouco, como vivia em Lípsia, tinha a cidadania da DDR, o que era o seu trabalho?*

**Giordano:** Era membro da KPD [Komunistische Partei Deutschlands = Partido Comunista da Alemanha], organização do país de Hamburgo. Mas estive como delgado muitas vezes na DDR, e permanência mais duradoura tive só no instituto para literatura na Lípsia de outubro de 1955 até junho de 1956. Até então era propriamente um companheiro fiel, mas em algumas coisas já emancipado do dogmatismo. Não se deve esquecer que o 20º Dia do Partido da KPDSU [Partido Comunista da União Soviética], quando Chrushtov pela primeira vez falou dos crimes estalinistas, caiu nesse tempo. E a seguir demorou ainda um ano até que tivesse posto fim, até que tivesse chegado a entender que a KPD não fosse a organização para fazer o mundo mais habitável do que já estava. Na mesma Lípsia, os nove meses na Lípsia – esses foram alguns meses nos quais vivi duradouramente na DDR. Mas nos quais também percebi o que significa ser escritor sob a espada dos *aparatschiques*. Conheci pela primeira vez a sorte dos colegas que, embora se mantivessem à DDR, mas de outro lado foram apertados pela política de cultura, melhor: sem-cultura, dos *aparatschiques* num modo que me deixava perguntar: chegarias a ser o quê se estivesse aqui e sujeito a esta gente. Os nove meses na

DDR formaram a conclusão do meu período no Partido. Durante esses nove encontrei também amigos. Em 1957, depois de rompera com o partido, tudo era cortado, mais tarde algumas ligações voltaram a se realizar. Erich Loest estava junto nesse primeiro curso no instituto para literatura, chegou a receber logo depois oito anos de pena maior celular. Também Fred Wander, meu velho amigo, o austríaco, estava ali e, enquanto isso, esse também era tempo bom. Conheci Victor Klemperer, conheci Bloch, era grande experiência. Primeiro uma vez, a partir do meu ponto de vista de então, vi naturalmente muita coisa douradamente na DDR. Estava naturalmente consciente de diferença no padrão de vida, isso é algo que não podia estar escondido de jeito nenhum. Mas não tinha para mim a importância que propriamente tem na vida. Estava ideologicamente deslumbrado.

**Jehle:** *Como é que o Senhor, perante o fundo das suas próprias experiências com o estalinismo, com a KPD percebeu o comportamento de muitos intelectuais alemães, que então mais tarde – no curso do movimento de 68 e nas décadas dos 70 e 80 – acompanhavam a DDR antes com benevolência, até o ponto de que na década dos 70 a reunificação movia cada vez mais para o segundo plano, até à quase des-tematização total?*

**Giordano:** O Senhor fala duma esquerda que superei. Essa gente perpetuou um ponto de posição de que a DDR fosse a Alemanha melhor, ponto esse que eu superara depois de longos, penosos processos internos. Isso quer dizer essa esquerda chegou a ser “idiotas úteis”, como Lenine os chamou, e cheguei a ser adversário dessa gente. Em 1991 escrevi um ensaio na revista “*Der Spiegel*” sobre essa esquerda e sua aderência sentimental à DDR. Não tinha ligação pessoal à liga estudantil, mas saudei o movimento de 68, pois um dos seus motivos era a segunda culpa, quer dizer, a repressão e negação da primeira. Os de 68 dinamitarem a tampa de mentirosa sociedade de repressão e negação da primeira. Mas nunca estava muito fortemente ligado a eles, já por causa da sua atitude a Israel. O movimento de estudantes era profundamente anti-sionista, atrás desse anti-sionismo suspeitei anti-semitismo. Isso me estava seguro. Com o impulso antifascista podia concordar, mas a equiparação de Israel igual a imperialismo os estados árabes iguais a socialismo – coisa mais estúpida e ridícula não se pode imaginar. Conheci o mundo árabe e se o mundo tivesse chegado a ser socialista, então os países árabes, os países moslêmicos teriam sido os últimos.

**Jehle:** *O Senhor não tem em 1961 no seu livro “O Partido sempre tem razão” mencionado a sua história de perseguição. Disso se explica, porém, justamente a sua entrada à KPD. Porque não o explicou naquele tempo, o tempo não estava maduro, teria talvez prejudicado o livro sob o clima de então, se tivesse nele confessado-se como judeu?*

**Giordano:** Não, não diria isso. “O Partido sempre tem razão” não foi biografia dum comunista decepcionado, mas foi anatomia do estalinismo no solo alemão, quer dizer, como esse partido conseguiu pegar uma pessoa humana com a minha biografia, segurá-la por um tempo e depois voltar a perdê-la. A idéia para isso é que Wolfgang Leonhard, antigo amigo meu, autor de “A revolução demite as suas crianças” me sugeriu. Conhecia Leonardo já desde 1948. Está reto que o Senhor diz que tudo pertença num conexo biográfico, mas não o sinto com déficit, como falta, que não faça a minha pré-história assunto nesse livro. Pertença à internacional dos cegos de um olho. A internacional dos cegos de um olho tem duas frações, uma direita e uma esquerda. A uma está cega no olho direito, a outra no olho esquerdo. E ambas - com os seus respectivos sinais – combatem em uma parte do mundo o que aproveem cada vez no outro.

**Jehle:** *A hodierna situação no leste da Alemanha. O Senhor vê aí paralelas, então depois de 45 paz com a história e depois de 89? Muitos alemães do leste querem até hoje a paz com a história. Transfiguração do passado, orientalga – são esses, vistos psicologicamente, modelos de comportamento semelhantes?*

**Giordano:** O peso criminal do estado nacional-socialista foi desigualmente mais alto do que o peso criminal do estado de martelo e compasso. Mas um sistema tão horrível como aquele do realmente existente socialismo não chega a ser menos horrível pelo que houve um

sistema ainda mais horrível. Era bastante horrível, e seria o mais errado que pudesse fazer é manter os dois sistemas de violência e assassinio separados com modelos de medir. Os mortos de Auschwitz não estão sendo consolados pelos mortos de Gulag, e os mortos de Gulag não estão sendo consolados pelos mortos de Auschwitz; não, esses são dois sistemas de assassinio que não se possa pôr lado a lado como modelos de medida. O único modelo legítimo de medida é o estado de constituição democrático. Também este cheio de fraquezas, defeitos e erros, mas não há sistema melhor. Para isso tenho um instinto, e contra tudo que ameaçar essa república democrática, contra tudo isso me volto e viro. Agora se pode dizer: contra aquilo que ameaçar essa democracia a partir do lado islâmico. E mesmo em vista do perigo de ser mal-entendido como estrangeiro e inimigo de alheios, volto-me contra forças da minoria moslêmica na Alemanha, que segundo os meus critérios ameaçam essa república e – se pudessem como quisessessem – fariam dela outra coisa.

**Jehle:** *No seu ensaio “O fascismo ordenado” o Senhor escreve sobre a DDR: “Até ao fim, o anti-fascismo estatalmente ordenado era marionete lamentável que cada ferimento de direitos humanos no próprio ambiente ou sempre justificava ou negava.” Não será que nisso também jaza razão para o até hoje mais fracamente ou não cunhada consciência para o caráter de injustiça e ditadura da DDR nos novos países da federação? O Senhor fala duma “separação metódica de humanidade” no “O Partido sempre tem razão”. O Senhor vê continuação da separação hoje nos novos países da federação?*

**Giordano:** Vejo nos novos países algo que distingue muito bem essa parte da Alemanha da antiga Republica Federativa, a saber, que a inimizade contra estrangeiros e alheios, também o anti-semitismo, muitas vezes camuflado como anti-sionismo, é mais forte aí, que as violências de direita concentram-se hoje ao território da antiga DDR. Isso não pode ser acaso. Quer dizer, em tudo o que na antiga República Federal correu errado, houve, apesar disso, socialização democrática. Essa não tem havido na DDR de jeito nenhum, naturalmente não. Os habitantes da DDR são os próprios perdedores da 2ª Guerra Mundial, já materialmente, mas também idealmente. As duas partes da Alemanha distinguem-se também depois de 20 anos. E não por último porque não houve na DDR a socialização democrática. Na República Federal discutiram abertamente o Terceiro Império, também coisa crítica podia ser escrita, filmada e contada. Tudo isso era na DDR impossível. E penso que o *status quo* entre os antigamente separados estados, o status da situação atual está caracterizada disso, que a população da DDR vivia sob condições inteiramente diferentes, durante 40 anos, essas são duas gerações. E que ali depois de 1989 se está processando algo que, com outros sinais, se processou na antiga republica federal. Isso então quer dizer que os feitores escaparam outra vez. Quando um regime de violência for substituído por um regime democrático, os feitores escapam. Isso se verificou outra vez no exemplo da DDR. E esse é em geral o mais horrível balanço, que se precisa tirar. Iss não só vale para Alemanha depois de Hitler. Isso também vale para a Itália depois de Mussolini, vale para a Espanha depois de Franco, vale para os estados fascistas da América do Sul, vale para os estados sucessores da União Soviética e vale para a DDR. Isso quer dizer que possamos de tudo isso só tirar uma percepção importante. Quando um sistema tal já estabeleceu o seu poder, já é tarde demais. Então vai ser destruído de fora, ou implode de dentro como a União Soviética, mas nenhum morto volta a chegar vivo, sempre conduziremos os mesmos colóquios desamparados sobre expiação e justiça. Por isso sempre digo às pessoas jovens que tal sistema não deva chegar a estabelecer a sua força, porque as pessoas se vão comportar assim como se comportaram histórico-notariamente, ou como feitores ou como co-correntes. Grupo pequeno faz resistência, ativa ou passivamente, mas o desastre está presente. Tudo o que faço nesses decênios de esclarecimento alveja propriamente a este ponto: tomai cuidados que aquilo que aqui recebemos: que possa aqui sem medo falar a vós e vós possais falar a mim sem medo! A todos que pretenderem tocar nisso, batei nos dedos. Sob esse motivo estivera todo a minha vida. Mas precisei também primeiro lutar através dum erro político ao que para mim a humanidade chegasse para mim a ser indivisível. Isso significa que crítica, o método crítico, tem de abranger tudo. Quero ter permissão de criticamente contemplar tudo, tudo, de poder

criticar o Deus dos judeus, o Deus dos cristãos. Quero ter permissão de criticar Aláh, quero ter permissão de dizer que Aláh não é o Pai de Jesus. Tenho respeito perante outros pareceres, mas quero permissão para proferir os meus. Não pretendo ofender a ninguém que tem outra opinião, mas não devo precisar esconder a minha. O método crítico é aquisição do mundo judaico-cristão.

**Jehle:** *Mais uma vez ao assunto cultura de memória, diferenças entre países antigos e novos. Suponhamos uma vez que a tendência que temos agora no leste continue indo assim, a DDR, o socialismo de estado, todo o que como visão do mundo está por trás vá ser subsumida sob a fórmula: “Bem intentado, mas mal transformado.” Se isso se impuser como atitude comum: - não seria isso o fim do “consenso anti-totalitário”, que a antiga República Federal tinha por um pedaço de caminho como “razão de estado”?*

**Giordano:** Primeiro, repressão não funciona. Repressão não faz outra coisa do que empurrar pedaço não posto em dia de história do passado para dentro do presente e com isso também para dentro do futuro. Repressão ajuda a alguns, pode favorecer feitores, mas em longo prazo a verdade não se deixa suprimir. E agora vemos que no território da antiga DDR uma tentativa tal tem lugar, um processo nostálgico, transfigura-se de repente, a DDR está sendo apresentada como ditadura inócua, sendo que emporcava a vida para duas gerações, por isso o estado precisava construir o muro. É que muros em geral têm a função de que os de fora não possam entrar, mas esse muro foi construído para aqueles de dentro não deixar irem para fora. Um estado tal não estava de jeito nenhum em condição de tratar sincera e abertamente o passado nazista.

**Jehle:** *Atualmente experimentamos também na DDR um processo semelhante como o Senhor o descreve em “A segunda culpa” para os primeiros 20 anos da República Federal. Mas o Senhor procede de que o esclarecimento, o pôr em dia uma vez se abra caminho?*

**Giordano:** Sim, estou convencido de que a verdade não se deixe suprimir em longo prazo. Só, quanto mais tempo uma aberta e sincera discussão for deferida, tanto mais difícil vá ser pô-la em dia. O que se dá agora, que na DDR obviamente uma coletiva discussão sincera com o próprio papel não esteja possível, terá as suas conseqüências. Então se vai precisar falar sobre o passado não superado ainda nos meados de século 21. Assim como experimentamos que – porque foi reprimido – também 60 anos depois de 1945 na antiga República Federal o passado fantasma nazista ainda anda. Quando no último relatório da proteção à constituição dá notícia de 15.000 ataques motivados pela extrema direita no ano de 2009, então a Alemanha continua ainda não estar no limpo. Isso não significa que os extremistas de direita possam destruir o estado de constituição democrática, mas o limite de dor começa antes ali onde vemos que pessoas que propriamente precisariam ser proibidas a partir do seu ponto de posição antidemocrático, estejam flanqueadas e protegidas por cortejos de polícia.

**Noll:** *Como quão preocupantes achas o pontos de ligação de anti-semitismo na Alemanha entre os jovens moslêmicos hoje perante o fundo do fato de que haja ainda recidivos do antigo?*

**Giordano:** Durante breve tempo cri que, depois da minha libertação pelos britânicos, o anti-semitismo estivesse superável. Estou hoje da opinião que ódio a judeus, anti-semitismo não são superáveis. É caminho espírito-historicamente errado, atitude errada na história de espírito. Os alemães não eram os mais fortes anti-semitas, penso que os húngaros, os bielorrussos, os ucranianos, os poloneses eram mais anti-semitas, mas Auschwitz foi instalação alemã. O anti-semitismo voltou a ser presente, também na Alemanha re-unificada, uma grandeza, uma força política, que obviamente é inextermível. A comunidade judaica na Alemanha não precisa se sentir ameaçado desse lado, e muito menos fisicamente. Não no que se refere aos alemães hodiernos. Mas no que se refere à forte minoria moslêmica na Alemanha, só se pode dizer, sem que eu queira demonizar: a comunidade judaica na Alemanha tem desse lado a esperar antes hostilidade, antes animosidade do que qualquer outra coisa. A identificação com os palestinos, com a Hamas, com a Hisboláh, com o Jihad

é maior do que se admitem. No que se refere a esse lado, o lado moslêmico aqui na Alemanha, agora em conexão com a comunidade judaica, aí me sinto um pouco medroso. Nas gazetas então se diz “Judi Assili Ralph Giordano”, “o judeu Ralph Giordano”. Por quê? Porque me empenhei para que o genocídio nos armênios de 1915/1916 no reino osmânico viesse ao público.

**Noll:** *E isso fazes já faz tempo. Conhecemo-nos em 1987, numa mensagem na rádio Westdeutscher Rundfunk. Era uma mensagem sobre o genocídio nos armênios, convidaste-me porque como jovem estive na Armênia e mencionei no meu livro o genocídio. Então falamos pela primeira vez sobre este, tanto tempo já te desempenhas para o atrasado de pôr em dia desse crime. Estiveste, enquanto sei, o primeiro na República Federal...*

**Giordano:** ... o primeiro que trouxe isso para dentro do discurso público.

**Noll:** *Já de lá tens longa pré-história como figura não-querida, como persona non grata em certos círculos turcos.*

**Giordano:** Sou *persona non grata*, e isso se naturalmente aprofundou pela minha crítica na construção de mesquitas grandes e antes de tudo no Islame.

**Jehle:** *No que se refere à crítica ao Islame, queria uma vez ir às causas de como o Senhor venha a isso. Folhei no seu livro “Viagem pela Alemanha” e fui levado pelo Senhor nesse passeio por Duisburg-Laar num capítulo em que o Senhor contempla esse bairro moslemicamente cunhado antes benevolentemente. Embora mencione a situação oprimida das mulheres, descreve o moslêmico antes positivamente, critica o pároco protestante, que ali mantém ostensivamente a bandeira cristã ereta. Em geral se tem a impressão de que esteja advogado de minorias. Mas hoje leio frases do Senhor como “O Islame é o problema”, “Covardia alemã”, “Islamização às furtadelas”. Como chegou a isso? Quais conhecimentos novos são que ganhou? Que mudança passou nem 10 anos?*

**Giordano:** No meu relacionamento a minorias que estiverem ameaçadas nada se mudou e não se vai mudar nada. Ainda hoje digo que é honra da nação de se pôr diante de cada migrante ameaçado seja por quem que for. Mas essa minoria não está ameaçada. Essa o era naquele tempo então, quando o combati na “Viajem pela Alemanha”, então tempestueava um queima racista de área sobre a Alemanha, e me pronunciei contra. Entrementes, acrescento-se em mim uma percepção, a saber, aquela de que um Islame político e militante é perigo grande para a democracia. Mas o fato de que os falsos companheiros de aliança batam no peito da gente não me pode fazer morto de boca. Aqui algo totalmente horrível está em andamento. As pessoas dizem, sim, Giordano, o Senhor se pode permitir isso com a sua biografia. Não pode ser posto no canto errado. Quando critiquei da grande mesquita em Köln-Ehrenfeld e isso chegou ao público, recebi centenas e centenas de cartas que todas tinham o mesmo teor, a saber, Giordano, tememos como o Senhor islamização às furtadelas, mas não ousamos exprimi-lo publicamente porque então seremos postos no errado canto direitista, neo-nazista, racista. Agora chegamos ao ponto nevrálgico de toda a história. De todos os infames argumentos de homicídio da Correção Política esse é o mais infame, a saber: quem criticar a construção de grandes mesquitas faz a coisa dos nazistas de hoje. Isso quer dizer que temos de lidar com um *status quo*, em que pessoas, milhões na Alemanha, não ousam expressar a sua opinião, sua inquietação, porque então estejam sendo postas no canto errado. O quê – por amor de Deus – se passa neste país?

**Jehle:** *Posso aqui enganchar uma vez. O Senhor escreve na FAZ [Frankfurter Allgemeine Zeitung] que a causa para esse comportamento psicológico seria a pressão de culpa que pesa no povo alemão. O Senhor vê aqui conexão de que essa pressão de culpa tenha nascida pela “segunda culpa” e por isso continue agindo até hoje?*

**Giordano:** Naturalmente, isso está ligado à história da República Federal. Essa pressão de culpa está presente com dantes, é que em si também é desejável, porque é reação moral.

**Jehle:** *Mas chega a ser, nesse conexo, desvantagem.*

**Giordano:** Está sendo explorado antes de tudo por esse Grupo de Correção Política, o esquerdo. Quer dizer que a pressão de culpa é que jaz hoje sobre gerações que são totalmente inocentes – *de jure, de fato*, política e moralmente essas gerações de netos são inteiramente inocentes. E, apesar disto, isso pensa sobre eles, estando ser instrumentalizado sem vergonha pelos ilusionistas Multi-Culti, das Pessoas Boas em Serviço, dos cegos de um olho xenófilos, os apóstolos de acalentação. É crime como o exploram para legitimar o seu curso de acalentação, o seu bomhomismo em conexão com as sociedades paralelas moslêmicas.

**Jehle:** *Quando o Senhor falar de islamização às furtadelas, quem ou o que é objeto dessa islamização: os aqui viventes, moderados, seculares, a-religiosos moslins ou entende instituições?*

**Giordano:** A questão de migração, da imigração e da integração chegará a ser – se não já o for – o problema numero um da política do interior alemã. Mas é também problema da política do exterior, antes de tudo pela Turquia. Uma política de imigração totalmente errada nos arranjou aqui algo de que ninguém sabe como o problema possa ser resolvido. É inteiramente difícil exprimir isso agora por palavras. Penso que esse problema se incorpora por associações, está incorporado antes de tudo pelo que se faz nas sociedades paralelas. Isso quer dizer que uma política de imigração totalmente errada nos presenteou aqui milhões de imigrantes, em que os justificados interesses próprios do país recebedor não foram considerados de jeito nenhum, simplesmente pela razão por que na Alemanha não havia nenhum medo maior do que ser percebida no exterior como hostil a estrangeiros e alheios. Isso determinou a atmosfera. E isso trouxe consigo que aqui milhões de pessoas vieram antes de tudo da Turquia que eram sem valor de utilidade para o país recebedor.

**Jehle:** *Entende com isso, por exemplo, nos turcos, que agora a terceira geração, as atuais crianças, netos e netas da primeira geração, volta a chegar a ser mais religiosa, que as moças jovens, - vejo isso em Berlim – mulheres jovens, turcas jovens usam hoje um pano na cabeça com mais freqüência do que aquelas de média idade, que o Islame volta a ganhar importância nos círculos de migrantes?*

**Giordano:** Vemos que a terceira geração, a geração das netas e netos, fala menos alemão que os seus pais e mães. O quê correu falhado aqui? Temos gigantes sociedades paralelas, hábitos, costumes, tradições que são totalmente incompatíveis com a Lei Fundamental [a Constituição da República Federal Alemã; trad.]. Com a democracia, com os direitos humanos. Estamos sendo iluminados disso por moslins. Necla Kalek nos iluminou o que se refere à situação das mulheres. E isso aqui entre nós, não em algum lugar na Arábia Saudita, aqui entre nós. Mina Ahadi e outras mulheres nos iluminaram de que aqui em sociedades paralelas dominam situações que não deveriam ser toleradas, mas estão sendo toleradas. A Alemanha não tem até hoje nenhuma atitude de defesa que seja precisa para impedir a islamização às furtadelas. O sucesso que o meu protesto tinha resulta de que disse algo, disse publicamente, o que milhões queriam dizer, mas não possam dizer por que é que essa pressão de culpa pesa ainda neles.

**Noll:** *Então estava certo que ficaste aqui. Tomas agora a palavra por aqueles que não possam falar porque se sintam carregados com a culpa alemã. Culpa que sempre mais uma vez voltaste a tematizar. Mas agora falas por eles. Esse é forte processo de identificação com este país. Talvez não com todos os alemães, já não com aqueles que ainda tenham algo a ver com o tempo nazista. Mas o país como tal é que defendes hoje.*

**Giordano:** Defendo a república democrática que está para que possa como publicista a qualquer tempo dizer e escrever o que queira. Isso me está enormemente importante.

**Jehle:** *Vejo aqui um Giordano novo, que também contradiz ao longo dum pedaço, pelo menos, ao que percebi lendo. Pode ser que mesmo criticou as forças que estão pela “auto-afirmação cultural” exigida pelo Senhor e já sempre estiveram? Penso, p.ex., no já mencionado pároco cristão no seu livro “Viagem pela Alemanha” ou da sua crítica num “conservativismo imortal”, que estreita em “A Segunda Culpa” a “mentalidade de risca*

*final” dos anos pós-guerra. Valores tradicionais, a confissão para terra e pátria, etc., é que estão sendo urgentemente necessários para a hoje pelo Senhor exigida “auto-afirmação cultural”. E acho que antigamente estreitou justamente essas forças tradicionais na sociedade muitas vezes só ao assunto do nacional-socialismo, ao pôr em dia em falta. Mas que essas forças tenham também inteiramente outras propriedades, amor à pátria, auto-afirmação cultural, que precisamos hoje cada vez mais...*

**Noll:** *... ou diferentemente dito, não é que também haja boas forças conservativas na Alemanha? Conservativas no sentido da palavra, querendo preservar aquilo que a Alemanha alcançou depois da guerra... Conservativas que sejam precisadas agora?*

**Giordano:** A minha libertação ideológica consiste entre outras coisas em que conheço conservativos que respeito, que honro, Richard von Weizäcker, por exemplo, também outros. E que há esquerdos que não tocaria com o ponto de dedo... Enquanto isso, estou livre de ideologias. Não se pode dizer “os conservativos”. Há tais e tais. Não me designaria hoje também não mais como esquerdo.

**Noll:** *Não expressarias hoje perante alemães que amam o seu país, que dizem: amo a Alemanha, gosto de ser alemão ... não mais pronunciarias desconfiança?*

**Giordano:** Absolutamente. Quando experimentei – aconteceu várias vezes – no exterior como jovens alemães foram tratados, os quais foram inculcados do que não pudessem ser responsáveis, a saber dos mal-feitos dos seus avós, então intervenho e darei uma descompostura àqueles que proferirem tais inculpações. Desde 25 anos falo diante alemães jovens em escolas, sempre mais uma vez digo, esclareço às pessoas jovens: deveis-vos identificar com o vosso país; senão fizerdes o que é auto-inteligível para todos os outros, nesse vácuo aninhar-se-ão idéias extremo-direitistas. É importante que alemães encontrem a si mesmos, raça de diabo, a sua identidade. Não faço outra coisa do que esclarecer isso às pessoas jovens. Isso é algo inteiramente elementar e importante.

**Noll:** *Isso lembra também outra idéia que preferiste há pouco: a Alemanha está hoje integrada na Europa unida, a Alemanha não está para si, mas tem no conjunto, na rede do mundo ocidental lugar central geográfico e também de outro jeito. Daí tenho também eu relacionamento outro à Alemanha. Vejo a Alemanha não mais só como país de catástrofe, mas sim como o estado moderno no meio da Europa. Já, porque agora gerações cresceram que realmente – mesmo segundo noções bíblicas – não mais possam ser responsabilizadas por aquilo que havia antes delas. Também o Deus bíblico põe fim a Sua ira na geração quarta, e a seguir está perdoado. E no conexo hodierno, geopoliticamente visto, cultural, por razões do sobreviver, precisamos todos de uma Alemanha forte e estável.*

**Giordano:** Sim, a Alemanha está embutido na Europa e não há a disso – para o estado de constituição democrática – alternativa nenhuma. Só, como todo precioso e belo, está ameaçada, está periclitado, deve ser defendida.

**Noll:** *Isso que dizer que se deva encorajar as pessoas jovens na Alemanha a defenderem o seu país?*

**Giordano:** Naturalmente. O que aí na Copa do Mundo aconteceu faz dois anos me comoveu. Por quê? Porque pela primeira vez, quando balançaram a bandeira ou quando cantaram não senti angústias. Pela primeira vez não senti angústias, quando alemães correm por trás de bandeiras, pessoas jovens, às que isso simplesmente brilhava da face, que se confessavam a isso sem que fosse nacionalista ou chauvinista ou racista. E aí pensei, diabo!, é que aqui chegou a ser grande, cresceu, que debes promover. Chegou-me a ser claro que algo se realizou, o que naturalmente também mais uma vez contribuiu para que a minha pertença chegasse a ser mais um pedacinho estreita. A uma geração tal me posso juntar antes do que àquela dos pais ou avós, que não tiveram a coragem de se pôr ao seu próprio passado. E em consequência disso me propus, tanto tempo quanto pudesse ainda apresentar-me perante pessoas jovens: esclarecê-lhes: sois alemães, não tendes culpa naquilo que aconteceu. Mas

como sois, que personalidades sois, depende como vos posicionéis a esses crimes, como os discutais ou não discutais. Logo na conexão, na cadeia da história nacional estão naturalmente, mas não mais em culpa, mas em responsabilidade.

**Noll:** *E a defendei contra tentativas, de qualquer lado for, para destruí-la outra vez...*

**Giordano:** Minha luta contra o Islame político e militante não é ruptura com minha tradição biográfica, mas sim a continuação dela. Percebi a partir de certo ponto que aqui uma força está andando que a sua agressão dirija mais e mais para fora, contra outros. Força é que a gente precisa discutir. Isso chegou entretantes a ser palpitante, porque o problema chegou a ser mais urgente. Os apaziguadores, os covardes políticos alemães, embelezaram esse problema através de séculos, porque tinham medo que, se não agissem assim, quando criassem regulários para imigração, chegassem imediatamente a serem suspeitos de hostis a estrangeiros e estranhos. Isso determinou a política de imigração da República Federal e isso era errado. A Alemanha se deveria ter declarado cedo como país de imigração com leis e regulamentos. Isso não aconteceu. O quê é a consequência? Aqui milhões foram permitidos a entrarem que na maior parte pesavam e pesam às caixas sociais, num país em que já haja 5 milhões de sem-trabalho... Tudo isso é agravante problema de política do interior, em que naturalmente não podemos nem queremos pôr a comunidade moslêmica sob suspeito geral. Quem quer isso? Só que se deve chamar as coisas pelo nome, também quando doerem. E aqui só posso dizer: nas sociedades paralelas que aqui se formaram por errada política de imigração há condições que não são aceitáveis. Isso vai para dentro do profundo. Sempre digo que não a mesquita, mas sim o Islame é o problema.

**Noll:** *Porque o Islame é o problema?*

**Giordano:** O Islame é o problema porque tudo acontece diante o fundo das dificuldades que o mundo islâmico tem na acomodação à moderna. Aí temos chegado ao ponto nevrálgico. São árabes mesmos, moslins que dizem que as dificuldades que temos na acomodação à moderna jazem na nossa religião. Nenhum alemão ousa dizer isso. Mesmo aqueles que são críticos perante a islamização às furtadelas não ousam dizer isso.

**Jehle:** *O Senhor mencionou faz pouco que o assunto islâmico determinaria, não só a política do interior, mas também as relações exteriores, especialmente à Turquia. Como o Senhor está a uma possível entrada da Turquia na União Européia?*

**Giordano:** A Turquia não era Europa, não é Europa e nunca será Europa. E o que faz por causa de vantagens econômicas é horrível identificação errada, que pode prejudicar a Turquia. A Turquia é grande país moslêmica, asiática com algumas ligações à periferia, mas basicamente um país que terá dentro de poucos anos cem milhões de pessoas, com problemas que primeiramente nos próximos anos são insolúveis, fundamentalismo, o problema dos curdos... E uma Tradição que não tem nada a ver com o Iluminismo europeu. A Turquia nunca virá à União Européia, mas até parceria privilegiada depende do olho de agulha, pelo que deve passar, do reconhecimento do genocídio nos armênios de 1915/16 no reino turco-otomânico, senão, a Turquia não receberá nem parceria privilegiada. Minha opinião está inteiramente clara: a Turquia não é Europa e não será Europa, e não faz nada de bom a si mesma tentando entrar na Comunidade Européia. Não entrará, pois para isso, precisa-se o consenso de todos os países. Covardes políticos alemães, em frente de todos Schröder, fingem como se já estaria membro pleno da União Européia, tendo com isso violado o respeito e o destino das gerações futuras. O problema moslêmico aqui na Alemanha é na primeiríssima linha problema da minoria turca. E aí a Turquia co-joga dentro, como estado, tudo está sendo finalmente dirigido de lá. O primeiro ministro turco Erdogan esteve aqui, falando na arena de Colônia perante 18.000 pessoas. A fala fora declaração de guerra à sociedade majoritária alemã, declaração de guerra à integração. Disse veladamente: “Bonito, aprendei alemão, mas permaneci o que sois. Formei um estado no estado, mas não o chamai assim!” Essas são as intenções reais, sendo incorporadas por associações que estão atíças aqui, por funcionários

que afirmam, aqui na tela, que a Sharia, o direito islâmico, seja compatível com a Lei Fundamental. Vi como Aiman Mazyek, um dos principais funcionários da maior associação turca, declarou na televisão que a Lei Fundamental e a Sharia fossem compatíveis uma com a outra. Encontrei-o depois nos “Colóquios de Aschaffenburg” de Guido Knopp, aí era convidado e eu também, para falar sobre a problemática, e o perguntei perante os espectadores: O Senhor disse que a Sharia fosse compatível com a Lei Fundamental [a Constituição da República Federal Alemã; trad.], repita isso aqui? Sim, ele disse. Minha percepção é: pegada no pescoço, fora da Alemanha. Essa é a minha percepção de democracia. Mas só olhamos o que nos aí ameaça, o que está aí em andamento...

**Noll:** *Achas a Sharia, direito islâmico, basicamente uma ameaça num estado democrático?*

**Giordano:** Prestei-me e li o Corão. Da primeira à última sura 140. É leitura de horror e insensatez. Está sendo continuamente chamando a matar infiéis, mas antes de tudo judeus, os judeus, os judeus. Experimentei ainda [a revista nazista] de Streicher “*Stürmer*” quando fui à escola; aí passei por uma caixa assim onde o “*Stürmer*” de Streicher era exposto. Digo-vos, depois de li o Corão: o Corão é o livro mais hostil a judeus que jamais me chegou diante os olhos na minha longa vida. O que podemos esperar dele?

**Noll:** *Esse é pronunciamento muito vasto, corajoso. Também aqui na Alemanha, no Ocidente quase ninguém tem coragem dizer isso.*

**Giordano:** Ninguém tem coragem dizer isso, nem mesmos os críticos tateiam a questão delicada. Dizer que não a mesquita, mas sim o Islame é o problema. Esse é o mais forte e o maior tabu de todos. Mas toca no cerne da coisa. Temos a ver com o choque de dois círculos de cultura, aqui entre nós, no coração da Europa, que ambos estão em altamente diferentes estágios de desenvolvimento. E isso se faz notar aqui, não só ali onde os já há sempre, mas aqui, onde estão novos, onde encontram com outros. Integração pessoal, individual é possível. Cada um de nós conhece moslins que estão bem integrados, dos quais nada temos de temer. Só que não é exemplar. Não é a tendência. A questão de destino, diante da qual a Alemanha está no século 21 é por isso: a moslêmica minoria turcamente dominada na Alemanha será coletivamente integrável ou não. E creio que essa turcamente dominada minoria moslêmica na Alemanha não esteja coletivamente integrável. O próprio problema consiste, portanto, em como, apesar disso, consigamos lidar pacificamente com eles, também se não forem integrados. Isso ninguém sabe dizer.

**Noll:** *Agora seria a pergunta que um jurista poria aqui sem falta: Se não forem coletivamente integráveis, o quê então?*

**Giordano:** Sim, o quê então, essa é a questão. Mas a tais verdades históricas precisamos apresentar, precisamos prevêê-las. Precisamos pensar o que se faça depois de que a criança caiu no poço. Temos de lidar com três grupos. Primeiro: os terroristas. Nem todos os moslins são terroristas, mas todos os terroristas são atualmente moslins. Esse é um grupo relativamente pequeno. A Alemanha já foi ameaçada por eles, bombardeiros de mala ou o grupo Sauerland. Maior já é o segundo grupo, aquele dos simpatizantes, também quando isso não for dito freqüentemente. Mas o próprio problema é um sócio-cultural, a saber, a massa dos moslins que não se cingem com cintas de dinamite, que não querem mandar pelos ares outras pessoas, vindo, apesar disso, a partir dos seus costumes, hábitos e tradições dum mundo completamente diferente. Também sem que simpatizem, sem que cheguem a ser agressivas são problema sócio-cultural, porque as suas tradições são inteiramente outras. Esse é o terceiro, o maior dos grupos de problema.

**Noll:** *Na são somente tradições ou hábitos externos. É a imagem da pessoa humana, a relação ao outro. Logo a base do social. Há por teu ver, profundas, insuperáveis contradições entre a imagem ocidental da pessoa humana bíblicamente cunhada e a islâmica?*

**Giordano:** Por exemplo, o papel da mulher, a posição da mulher na sociedade moslêmica. Está, por nosso ver, absoluta e totalmente inaceitável. A sociedade moslêmica é sexista até para dentro do cerne. Uma honra de família que se define sobre os genitais da mulher, de filhas, da irmã é profundissimamente sexista. Isso começa com o pano de cabeça. Aqui um problema de homens está sendo decidido à custa das mulheres, delegado a mulheres. Embora haja hoje cada vez mais mulheres que se revoltam contra isso, que protestem contra isso, a imagem fundamental que o Islame de tem de ambos os sexos, da sua diferença a desfavor das mulheres e a favor dos homens, quem crer que essa vá mudar, notavelmente, está errado. Aqui há algo que nos agudamente ameaça, que põe profundamente em questão o nosso ser, percepção que não tive antes, o que não muda absolutamente nada no meu relacionamento interno a minorias e a tudo que escrevera, dissera e filmara até aí. A minha discussão com o Islame militante e político no solo alemão é continuação da discussão que conduzi no interesse da iluminação durante toda a minha vida neste país.

**Noll:** *Vês nisso uma confirmação do teu estar aqui?*

**Giordano:** Sim, agora na segunda metade do nono decênio de vida chego à conclusão de que esteja ligado à Alemanha indissolúvelmente. Que não haja aí alternativa. E que me também confesso a isso, com todas as dores que significa isso, mas também com alegria, com felicidade. Pos a minha obra tem seus efeitos. A ressonância está visível. Todo o meu legado entra no arquivo de literatura alemão de Marbach. Não é assim que deixe esse mundo precisando ter a impressão de que não tenha movido nada daquilo que quis. Agora vamos ver quanto tempo eu vá fazer isso.

**Noll:** *Até 120 é que tens ainda muito tempo diante de ti! Agradecemos-te por esse colóquio.*

---

*Ralph Giordano* nasceu em 1923 como filho de mãe judia em Hamburgo, Alemanha e sobreviveu o regime nazista.

*Chaim Noll* nasceu em 1954 em Berlim (leste). No início da década dos 80 recusou o serviço militar e foi transferido a uma clínica psiquiátrica, em 1984 foi ex-naturalizado e foi ao oeste. Vive hoje no deserto de Negev.

*Martin Jehle* nasceu em 1982 em Berlim.

Texto alemão em <http://compass-infodienst.de/> > ONLINE-EXTRA Nr. 111 >  
*Nicht die Moschee, der Islam ist das Problem*

Tradução por: [pv-werden@uol.com.br](mailto:pv-werden@uol.com.br)